



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Departamento de Medicina

Via Washington Luís, km 235 – Caixa Postal 676
13565-905 – São Carlos – SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8340



Narrativa Crítico-Reflexiva: minha trajetória durante o curso de medicina da Universidade Federal de São Carlos

Bruna Laís Públio

São Carlos – SP
2021

Bruna Laís Públio

NARRATIVA CRÍTICO-REFLEXIVA: MINHA TRAJETÓRIA DURANTE
O CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Médico (Lei 1.3270/16).

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Aparecida Contini

São Carlos – SP
2021

Públio, Bruna Laís.

Narrativa Crítico-Reflexiva: Minha Trajetória Durante
o Curso de Medicina da Universidade Federal de São
Carlos / Bruna Laís Públio. – 2021.

20 folhas.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Aparecida Contini

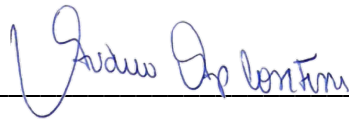
Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina) –
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

1. Medicina. 2. Educação Médica. 3. Metodologia
Ativa. I. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Departamento de Medicina

Folha de aprovação



Profa. Dra. Andréa Aparecida Contini - Docente do Departamento de Medicina UFSCar
Orientadora do TCC apresentado por Bruna Laís Públio

São Carlos, 20 de dezembro de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e toda a graduação à minha família.

Agradecimentos

Acima de tudo e de qualquer coisa, agradeço meus pais, que sempre me apoiaram e tornaram tudo possível.

À minha irmã, meus tios, primos e avós, por acreditarem em mim e torcerem pelo meu sucesso.

Agradeço aos meus amigos que encontrei na faculdade, e principalmente, às minhas parceiras de internato, que deram força, apoio emocional e momentos de leveza em meio ao caos.

Aos meus professores e preceptores, que me ensinaram e inspiraram. Agradeço a todos os profissionais de saúde dos serviços em que passei, pela paciência e ensinamentos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é uma narrativa crítico-reflexiva, elaborado de acordo com as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos e tem como objetivo expor a trajetória e as vivências de uma aluna do curso durante a graduação. A narrativa está organizada de acordo com os ciclos vividos nos anos letivos.

Palavra-chave: medicina; narrativa crítico-reflexiva; Aprendizagem baseada em problemas.

ABSTRACT

This final paper is a critical-reflexive narrative, elaborated in accordance with the guidelines of the Political Pedagogical Project of the course in medicine at the Federal University of São Carlos, and aims to expose the trajectory and experiences of a student during her undergraduate course. The narrative is organized according to the cycles lived in the those years.

Keywords: medicine; critical-reflective narrative; Problem Based Learning.

LISTA DE SIGLAS

AAAMPJ - Associação Atlética Acadêmica Moacir Peixoto Júnior

ACC – Atividades Curriculares Complementares

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

Dmed – Departamento de Medicina

ES – Estação de Simulação

PP – Prática Profissional

HU – Hospital Universitário Prof. Dr. Horácio Carlos Panepucci

PBL – Problem Based Learning

SP – Situação Problema

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

USF – Unidade de Saúde da Família

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
Sobre a Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	
Processo de ensino-aprendizagem	
2. Trajetória até a Medicina UFSCar.....	10
3. Primeiro Ciclo.....	10
Eletivas do Primeiro Ciclo	
4. Segundo Ciclo.....	13
Eletivas do Segundo Ciclo	
5. Terceiro Ciclo.....	15
Internato durante a pandemia	
6. Atividades Extracurriculares.....	17
7. Considerações finais.....	18
8. Referências Bibliográficas.....	19

1. Introdução

Sobre o Curso

O Curso de Medicina na Universidade Federal de São Carlos, fundado em 2006, tem como proposta ser um curso inovador, focando na formação do médico humanizado.

Seu Projeto Político Pedagógico contempla as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a graduação em medicina que compreende três pressupostos: currículo orientado por competência; integração teoria-prática; abordagem educacional construtivista. Portanto, as metodologias do curso devem privilegiar a participação ativa do estudante na construção do conhecimento e na integração entre os conteúdos.

O profissional egresso do curso de Medicina da UFSCar deve ter formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Ou seja, ser capaz de atuar, guiado por princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações visando a integralidade da assistência e promoção da saúde integral ao ser humano. As áreas de competência para o profissional médico definidas para o Curso de Graduação em Medicina da UFSCar são: Atenção à Saúde, Gestão e Educação em Saúde.

O Curso de Medicina da UFSCar está estruturado em três ciclos educacionais: Integralidade do Cuidado I, II e III, durando dois anos cada ciclo, sendo os dois últimos, o internato. Durante todo o curso, são utilizadas metodologias ativas.

As atividades curriculares dos ciclos I e II organizam-se em:

- **Situações-Problema:** construção do conhecimento em pequeno grupo baseado na construção de hipóteses e questões a partir de um caso clínico.
- **Estações de Simulação da Prática Profissional:** realizadas na Unidade de Simulação em Saúde, tem ênfase na aplicação do conhecimento teórico na prática, construindo habilidades a partir de simulações de casos reais.

- **Prática Profissional:** realizada na rede de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde, com atividades de reflexão da prática. A prática é supervisionada por docentes e preceptores e visa inserir o estudante em cenários reais desde o início do curso.

O ciclo III é de formação em serviço, em regime de internato, sob supervisão, em serviços próprios (Hospital Universitário e Unidade Saúde Escola), conveniado (Santa Casa de São Carlos) e regime de parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (estabelecida por Contratos Organizativos de Ação Pública Ensino-Saúde - COAPES - assinado em 23/11/2016, no Departamento Regional de Saúde de Araraquara).

Processo de ensino-aprendizagem

A metodologia do curso de Medicina da UFSCar é baseada em uma abordagem de espiral construtivista, que tem como objetivo promover o desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender do estudante através de situações reais ou simuladas e casos clínicos que estimulam uma análise crítico-reflexiva e a busca pelo conhecimento.

2. Trajetória até a Medicina UFSCar

Desde pequena falava que queria ser médica, não sei muito bem de onde surgiu essa inspiração, já que na minha família ninguém é da área da saúde; me encantava a ideia. Sempre fui boa aluna, mas no ensino médio percebi que precisava ir além para conseguir entrar em uma boa universidade de medicina. Me dediquei esses três anos, porém não foi suficiente para atingir meus objetivos.

Frequentei cursinho pré-vestibular por dois anos, sendo o último ano na cidade de São Paulo, longe de casa pela primeira vez. Estudei muito com um único objetivo: passar no vestibular para o curso de medicina. Foram dois anos difíceis, em que predominava o medo da reprovação, horas e horas de estudo, ausência em festas e comemorações, saudades da família e dos amigos. Mas sabia que cursar medicina era a única opção para

mim naquele momento e, portanto, sabia que precisava renunciar muita coisa para conseguir o que eu queria.

Ao final do segundo ano de cursinho passei em uma universidade particular e iniciei o curso. A princípio foi quase como uma decepção para mim, deveria estar feliz pela aprovação, mas eu sentia que aquele não era meu lugar. Depois de um mês, recebi a grande notícia de que fui aprovada na UFSCar. Uma loucura, recebi a notícia e em poucas horas estava fazendo a mudança de cidade novamente, e agora sim, realizando meu sonho.

3. Primeiro Ciclo

Iniciei o curso de Medicina na UFSCar sem saber muito sobre o método, não havia lido nada a respeito de como funcionava o método PBL (Problem Based Learning) ou ABP (Aprendizado Baseado em Problemas). Estava muito insegura, mas era uma universidade federal e com muito reconhecimento, não tinha como negar!

Foi um choque as primeiras semanas de atividade, nada como eu havia esperado. Senti que faltou explicações acerca do curso e sobre como ele funciona. Fomos informados para comparecer no departamento, mas nem sabíamos o que aconteceria após. Logo que chegamos, fizemos dinâmicas para apresentação dos colegas e facilitadores, falamos quem éramos, o que gostávamos de fazer e o quais eram nossas expectativas em relação ao curso e aos próximos anos. Nesse momento em que percebi que seria diferente e que valeria a pena.

No primeiro ciclo, temos a atividade de situação-problema (SP), na qual, a partir de um caso clínico, o grupo utiliza os conhecimentos prévios para construção de hipóteses e questões a serem estudadas individualmente durante a semana. No encontro seguinte, discutimos o que estudamos, respondendo as questões e discutindo as diferenças no estudo de cada um, buscando chegar em uma conclusão do caso. Nesse segundo momento, a participação do facilitador se faz importante para guiar os estudantes para o melhor desfecho, evitando que a discussão se torne apenas uma exposição do

conteúdo estudado por cada um. Tive a sorte de participar de grupos bons em que raramente havia competitividade entre os integrantes com objetivo de demonstrar maior conhecimento ao facilitador, já que é nesse momento que somos avaliados quanto à participação em cada encontro.

O primeiro obstáculo, sem dúvida foi vencer a timidez. Nesses primeiros encontros eu tive muita dificuldade em participar ativamente das discussões, tanto na exposição dos conhecimentos prévios quanto do estudo dirigido após. Por esse motivo recebi algumas críticas nas primeiras avaliações. Foi um desafio para mim e precisei realmente sair da minha zona de conforto e descobrir como me colocar nas discussões e como trabalhar em grupo, com pessoas tão diferentes umas das outras.

O começo do curso é um momento de muitas emoções para o calouro. Precisamos nos adaptar a uma nova cidade, morar sozinho, conhecer pessoas novas, e, claro, iniciar os estudos. O método baseado em aprender a aprender é desafiador para os iniciantes. Além da timidez, descobrir como e até onde estudar a cada encontro, foi complicado. Mas acredito que esse é o objetivo em um primeiro momento. Aprendemos com o erro e o acerto, e com o passar das semanas, podemos perceber nossa evolução. O papel dos primeiros facilitadores é essencial para nortear o grupo em relação aos tópicos da ementa que precisamos atingir e, também, para dar espaço aos estudantes menos participativos, criando um ambiente seguro para todos.

Outra atividade que compõe o ciclo básico é a Estação de Simulação (ES), na qual somos submetidos a atender um caso simulado com atores que fazem o papel do paciente. É a atividade em que eu mais tinha dificuldade. Ficava muito nervosa em colocar em prática aquilo que tinha lido no livro, ainda mais sendo avaliada o tempo todo pelo facilitador, e, também, pelo próprio ator e por um colega de turma. Mas também, essa é a atividade que mais nos ensina. As situações simuladas e as discussões posteriores são a base para a construção do conhecimento acerca de semiologia. É nesse momento que aprendemos como realizar e aperfeiçoar a anamnese e o exame físico.

A atividade de Prática Profissional (PP) envolve a inserção do grupo em uma Unidade de Saúde da Família (USF), nos colocando no cenário de prática desde a primeira semana. Meu grupo de prática era composto por dez estudantes, e fomos alocados na USF Antenor Garcia, onde ficamos por quatro anos. Apesar de ser localizada em um bairro mais pobre da cidade, onde, a princípio, ficamos com inseguros pela marginalidade, fomos sempre muito bem acolhidos. Sabíamos que se tratava de uma população mais vulnerável e que dependiam muito do nosso trabalho, e acredito que por esse motivo, aprendemos ainda mais sobre a humanização do cuidado. Foi importante permanecer os quatro primeiros anos da faculdade na mesma unidade para estabelecer um bom vínculo com a equipe e com os pacientes do território.

Com o passar do tempo de curso, fomos ganhando mais tarefas dentro da unidade, e nossa responsabilidade aumentava. No primeiro semestre fomos apresentados ao funcionamento de uma unidade de atenção básica, aprendemos como era a organização do cuidado e ficamos responsável pelo cuidado integral de um paciente. Nos períodos seguintes, fomos atribuídos a mais pacientes, tentando sempre abranger todos os ciclos de vida, e, mais tarde, ficamos responsáveis também por realizar atendimentos médicos com a supervisão do preceptor na unidade.

As reflexões da prática (RP) aconteciam com o objetivo de discutir temas acerca da atenção básica em saúde e temas que tivemos contato na unidade. Neste cenário pudemos entender melhor a importância da atenção básica à saúde, além de discutir o manejo das questões mais prevalentes.

Foi uma atividade essencial para a consolidação de todo o conhecimento que estávamos adquirindo nas situações-problema e nas estações de simulação, além de promover, cada vez mais, a importância do cuidado integral ao paciente.

No geral, como todo o curso de medicina da UFSCar é baseado na metodologia ativa, de início, senti falta de aulas e consultorias sobre áreas básicas, como anatomia, histologia, fisiologia e farmacologia. Em diversos momentos durante as discussões ou durante os atendimentos na prática, percebi que conceitos básicos ficaram perdidos.

Em contrapartida, já no segundo ano, percebi qual era o diferencial do estudante do nosso curso, sempre apontado por veteranos e preceptores. O método realmente destaca nos alunos a habilidade de comunicação e atendimentos humanizados, tais técnicas são fundamentais para qualquer profissional, e acredito que nesse aspecto recebemos boa formação e saímos no sexto ano preparados para o mercado de trabalho.

Eletivas do Primeiro Ciclo

A partir do segundo ano da faculdade, todos os alunos precisam realizar as Atividades Curriculares Complementares (ACC), que são os estágios eletivos, nos quais o estudante tem a autonomia de escolher a área e o local a serem realizados.

Fiz a minha primeira eletiva no Serviço de Verificação de Óbitos em um hospital em Santos – SP. Era um serviço grande que sempre recebia os alunos do segundo ano, e nós fomos em um grupo de seis estudantes. Foi um estágio muito interessante, pois, até então, não tínhamos tido a experiência de estudar com corpos humanos. Dentro do Departamento de Medicina da UFSCar, nós estudamos anatomia com livros e bonecos. O contato com os cadáveres nos ensina muito sobre a ética médica, e, também, sobre o processo saúde-doença, já que no serviço eram realizadas as autópsias com a intenção de preencher a declaração de óbito de maneira correta. Sou muito grata à equipe que nos recebeu neste estágio e aos preceptores que, na maioria das vezes, nos ensinaram muito, principalmente sobre anatomia e patologia.

4. Segundo Ciclo

Desde que entrei na faculdade, ouvia dizer que o terceiro ano era o mais difícil da graduação, motivo pelo qual já comecei o ano tomada pela ansiedade. E realmente, tudo muda a partir do terceiro ano, os cenários tornam-se mais complexos e a responsabilidade aumenta.

As SPs começam a ficar mais complicadas, deixando de focar na fisiologia dos diversos sistemas para enfatizar toda a propedêutica das doenças e início do manejo delas. Portanto, é nesse momento que iniciamos a abranger nossos materiais de estudo, adquirindo um senso crítico acerca de artigos, livros e manuais. Comecei a participar mais ativamente das discussões a partir do terceiro ano. Nunca fui uma das estudantes que “liderava” o grupo, porém me sentia mais confiante e segura para me colocar quando achava necessário, talvez porque, nesse momento, já dominava um pouco mais o método e chegava mais preparada para as atividades.

Na ES, há uma mudança de formato, com quatro facilitadores por semestre, e quatro cenários diferentes, representando as áreas de pediatria, cirurgia, saúde do adulto e idoso e saúde da mulher. Dessa forma, aumentou a carga de estudo e começamos a aprender semiologia mais específica, como exame ginecológico, exame físico do recém-nascido, além da introdução de técnicas cirúrgicas. Ao final de cada semestre fomos submetidos à uma nova forma de avaliação, com estações rotatórias e tempo limitado para atingir os objetivos em cada uma delas. Foi uma experiência diferente de qualquer outra até então, com muito nervosismo e ansiedade envolvido. Porém, tal método de avaliação nos prepara para a pressão existente na prática médica e, também, para as provas práticas de residência.

O cenário da PP é o que mais muda do primeiro para o segundo ciclo, daí a fama desse segundo ser o mais difícil da graduação. É realmente um choque para os estudantes, no primeiro ciclo estamos inseridos em apenas uma unidade, com um preceptor e um número limitado de pacientes. Já no segundo ciclo, nosso cenário de prática é dividido nas seguintes áreas: Saúde do Adulto e Idoso (SAI); Saúde da Criança (SCr); Saúde da Mulher (SMu); Saúde da Família e Comunidade (SFC). Cada área praticada em uma unidade diferente, com preceptores diferentes. Iniciamos atendimentos ambulatoriais em cada uma delas, além de reflexões da prática para cada cenário, ou seja, um aumento substancial da carga horária e de estudos. Mas também, foi nesse momento em que fomos apresentados à novos docentes e preceptores, que foram fantásticos e nos ensinaram muito.

O quarto ano foi mais tranquilo para mim, era como uma repetição do terceiro, então já estávamos mais acostumados com a rotina. Confesso que me decepcionei um pouco com esse ano da graduação, pois já vinha em um ritmo acelerado do terceiro ano para chegar ao quarto e ter uma carga menor de estudo. Tivemos um problema na turma com a quantidade de unidades e de pacientes em cada uma delas, e, portanto, o estágio da Saúde do Adulto e Idoso foi prejudicado. Mas, de novo, tive o prazer de aprender com docentes incríveis.

Eletivas do Segundo Ciclo

Durante o terceiro ano, realizei meu estágio eletivo no Pronto Atendimento Adulto do HU e, também, na área de pediatria do HU (Pronto Atendimento Infantil e Enfermaria Pediátrica). Foi um estágio importante para mim. Aprendi como funcionava o setor de Pronto Atendimento e suas peculiaridades. Desenvolvi uma nova forma de anamnese, que diferente da que eu aprendi até então, deveria ser mais concisa, focando na queixa do paciente. E, também, um exame físico voltado para o problema detectado na anamnese. Além disso, tive contato com patologias desconhecidas por mim até o momento.

Antes de iniciar o quarto ano, dividi meu período de eletiva e realizei meu estágio em anestesiologia e cirurgia na Santa Casa de São Carlos. Desde antes de entrar na universidade, eu tinha o desejo de me tornar cirurgiã. Nunca tive contato com a área, não tenho familiares médicos, mas me encantava qualquer assunto relacionado à cirurgia. E realizar minha eletiva em duas áreas que trabalham, predominantemente, dentro do centro cirúrgico fez aumentar ainda mais meu interesse.

5. Terceiro Ciclo

O momento mais esperado por qualquer estudante de medicina é o internato, fase da graduação em que ficamos inseridos na prática o tempo todo. Para o nosso curso, o

choque não é tão grande, já que desde o primeiro ano temos contado com pacientes e com os serviços de saúde, mas com a chegada do quinto ano, aumenta, além da carga horária, a responsabilidade e a cobrança.

Começamos 2020 com o primeiro estresse do quinto ano, que foi a escolha dos grupos e a ordem dos estágios. Foi preciso sorteio para algumas decisões, mas a melhor parte é poder escolher quem vai estar do seu lado nos momentos mais difíceis da graduação.

Meu grupo iniciou o quinto ano pelo estágio de pediatria, e não poderíamos ter começado melhor. Desde a primeira semana já me encantei pelos pacientes e preceptores, e uma especialidade que, até então me causava medo, ganhava meu coração.

Mas então algo inesperado aconteceu no mundo todo, e começamos a entender que a tal COVID-19, que estava sendo comentada desde o final de 2019, não era apenas uma gripe, e sim uma doença capaz de iniciar uma pandemia, algo que minha geração nunca havia presenciado antes.

Internato durante a Pandemia

Recebi a notícia de que o país entraria em quarentena devido à pandemia causada pelo novo coronavírus quando estava em um dos plantões noturnos do estágio de pediatria. Fui dispensada pelos chefes e orientada a cumprir o isolamento social. Todo o curso de medicina da UFSCar parou por tempo indeterminado. Foi uma grande frustração, já que tínhamos acabado de iniciar o tão esperado internato. Mas também, nesse momento, começamos a entender a gravidade da doença que surgia e a importância dos cuidados e do isolamento.

Pensávamos que seria algumas semanas afastados, a princípio foi difícil entender a dimensão do problema. Minha turma ficou afastada por quase sete meses. Foram tempos difíceis, senti muito medo, medo de morrer e de perder pessoas que eu amo. Vi

muitos amigos e familiares adoecerem, e, infelizmente, alguns não resistiram. Em meio ao caos, acabei deixando de lado os estudos, tentando focar mais na minha saúde mental e no tempo que estava passando com a minha família. Foi muito difícil ficar tanto tempo longe de alguns familiares e amigos, os encontros passaram a ser virtuais e a incerteza sobre o futuro só aumentava.

Até que aprendemos a viver dessa forma. Os alunos e alguns docentes começaram a se mobilizar para o retorno das atividades, até porque não sabíamos quanto tempo mais a pandemia iria durar. Houve brigas e discussões entre os alunos e, também, entre docentes. Alguns queriam a volta do curso, outros temiam. O curso implementou algumas mudanças curriculares, adaptando nossas atividades para a realidade do momento, para, finalmente em setembro de 2020, podermos voltar ao internato. Começamos o quinto ano do zero, organizamos a turma novamente e redividimos os grupos. Dessa vez meu grupo iniciou pelo estágio de Cirurgia Geral. A partir daí, enfrentamos um novo desafio. Como voltar às atividades, como nos cuidar e evitar ser contaminado e evitar contaminar os outros.

O estágio contava com uma carga horária pesada e pudemos acompanhar de perto a rotina dos residentes da área. Eu estava animada, pois desde antes de entrar na universidade já falava que queria ser cirurgiã, e minha experiência com a especialidade até então havia sido apenas de eletivas. Confesso que continuo apaixonada pela prática cirúrgica e todo o processo pré e pós-operatório, porém a rotina e a loucura da vida do cirurgião me assustam um pouco. É difícil pensar no tamanho da responsabilidade e dedicação necessária para ser um bom cirurgião. No quinto ano, porém, não tivemos muitas atividades em centro cirúrgico, e sim, em ambulatórios e pronto atendimento. Talvez esse seja mais um motivo para minha indecisão do que prestar na residência. O estágio de cirurgia do sexto ano será o último para meu grupo, espero que até lá consiga ter mais contato com a especialidade para decidir o que vou fazer após o término da faculdade.

Após o estágio de cirurgia, fomos para o de Clínica Médica, o mais temido e esperado por qualquer interno. Foi, realmente, um estágio exaustivo em relação à carga horária e

carga mental. Mas, também foi o momento que mais aprendi durante o internato. Os preceptores e docentes foram excepcionais.

O próximo foi o estágio de Pediatria. Fui surpreendida novamente por esse estágio, positivamente. No início de 2020, meu grupo havia feito 4 semanas de pediatria, antes da paralização do curso, então, estava empolgada para recomeçar tais atividades, que eu já havia gostado muito. Nunca havia aventado a possibilidade de fazer residência em pediatria, mas gostei tanto do estágio que se tornou uma das minhas alternativas. Acredito que boa parte do meu encantamento se deve aos preceptores e docentes, que foram maravilhosos.

O estágio de Ambulatórios, originalmente, era feito no sexto ano, porém, devido à pandemia, algumas mudanças precisaram ser realizadas, e tal estágio passou a compor a grade do quinto ano. Foi um estágio mais tranquilo. Apesar da grande carga de estudos teóricos, não tínhamos plantões noturno e nem de final de semana. Foi um momento para os estudantes conhecerem um pouco mais de cada especialidade, e estudar mais profundamente os principais temas de cada uma delas.

Finalizamos o quinto ano com Ginecologia e Obstetrícia. Foi, também, um estágio que me surpreendeu muito. Eu nunca gostei da especialidade, mas a dinâmica do estágio na maternidade e as discussões com o professor Humberto foram muito didáticas, e foi um grande estímulo para o estudo e o aprendizado. A área continua não sendo uma opção para mim, mas eu percebi que gosto sim dos temas, e acho muito importante qualquer médico generalista ter o conhecimento básico que nos foi passado.

Tivemos um breve período de férias, em junho de 2021, e iniciamos o sexto ano, que irá terminar em fevereiro de 2022. O sexto ano está sendo desafiador, mas também de muito aprendizado. Nesse momento do curso, temos muito mais autonomia e segurança nos atendimentos e procedimentos, mas sempre podemos contar com a supervisão e auxílio dos médicos preceptores e das equipes de saúde. Ao mesmo tempo que não vejo a hora de me formar, sinto aquela insegurança de não ter mais esse apoio na vida fora da faculdade. Os estágios estão passando muito rápido. A diferença entre o

quinto e o sexto ano, além da grade de cada estágio, é que no sexto ano temos o estágio de Saúde Mental e Saúde da Família e Comunidade, no qual temos atividades nas USFs, além de ambulatórios e enfermaria de saúde mental.

Estou ansiosa para o último estágio, que será o de Cirurgia Geral. Além de ser um estágio decisivo para mim, já que é também minha maior dúvida em relação a residência, também será o último. Esperei tantos anos e mal posso esperar para me formar.

6. Atividades Extracurriculares

Do primeiro ao quarto ano, participei de diversas atividades extracurriculares. Fiz parte de algumas ligas acadêmicas, como Liga de Diabetes, de Cuidados Paliativos, de Pediatria, de Trauma e Urgências, além da Liga de Cirurgia, da qual fiz parte da diretoria. Também participei da ACIEPE em Genética logo no primeiro ano, com a professora Débora. E fui da comissão organizadora do Comuscar, que é nosso Congresso Médico. Aprendi mais sobre as questões burocráticas e organizacionais, além de ter tido experiências que não tive na grade curricular do curso, todas enriquecedoras.

Além dessas atividades mais acadêmicas, desde o primeiro ano tocava na bateria e participava do time de futsal da Atlética do curso de Medicina, a AAAMPJ (Associação Atlética Acadêmica Moacir Peixoto Júnior). No terceiro ano fui membro da diretoria da AAAMPJ. Participar das atividades da atlética foi muito importante para mim, tive o sentimento de participar de um grupo, e, também, fiz parte e ajudei a organizar eventos que marcaram a vida universitária de muitos estudantes, inclusive a minha.

Todas as atividades agregaram muito conhecimento na minha trajetória, sou muito grata às oportunidades que a universidade me proporcionou, e, ao grupo que fez parte da atlética comigo. Realmente, foi uma experiência incrível!

7. Considerações Finais

Concluo esse trabalho e a graduação com grande satisfação. Foi uma jornada e tanto, e tudo que passei durante esses anos me trouxeram até aqui. Não me arrependo de nada e sou muito grata à todas as oportunidades e a todos que cruzaram meu caminho.

Tenho muito o que aprender ainda, mas sinto que os anos da graduação me prepararam para uma construção contínua de conhecimento, a tão famosa espiral construtivista. Cresci tanto nesse período, e estou ansiosa para o próximo passo da minha vida. Espero colocar tudo que aprendi em prática, e ser uma boa profissional. Jamais esquecerei onde tudo começou.

8. Referências Bibliográficas

Curso de medicina – CDBs. Projeto político pedagógico.

[Http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007](http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007)

Universidade Federal de São Carlos. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Coordenação da Graduação em Medicina. Caderno do Curso de Medicina. São Carlos: UFSCar; 2007.